

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: LIMITES E DESAFIOS

OLIVEIRA, Diene Eire de Mello Bortotti de – UEL/UEM
diene.eire@uel.br

GASPARIN, João Luíz – UEM
gasparin01@brturbo.com.br

Área temática: educação, comunicação e tecnologia
Agencia financiadora: não contou com financiamento

Resumo

A tv continua sendo o meio de comunicação de massa que atinge a quase todos os lares e espaços mais longínquos do país. Levando em conta o poder de penetração deste meio de comunicação, o presente estudo investigou de que forma professores percebem seu trabalho de educadores diante da Tv. O mesmo foi realizado com 32 professores atuantes da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental do município de Londrina-PR. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário com questões abertas e fechadas. Levando em conta, os estudos de Fisher e Beloni, que apontam a necessidade de ampliar nossa escuta com crianças e jovens sobre como eles vêem tv, os dados demonstraram que existe preocupação do professor sobre o que a criança vê tv, tipos de programas considerados inadequados para a faixa etária da criança. No entanto, os dados revelam também que a tv é vista como mera ilustração de conteúdos curriculares. Ou seja, percebe-se claramente a inexistência de discussões sobre a programação televisiva, bem como o caráter ideológica da notícia. Apontamos as seguintes questões: em que medida estamos formando professores estão aptos a lidar com as múltiplas linguagens da sociedade em vivemos? Estamos formando professores capazes de lidar criticamente com a informação e contribuir para que seus alunos possam ser mais críticos e aprendam “a ler” os conteúdos midiáticos para além de um meio a ser apreciado como mero momento de lazer?

Palavras-chave: Comunicação; Educação; Televisão; Formação de Professores.

Introdução

A sociedade vive um momento intenso de profusão de tecnologias, de comunicação em tempo real, de transmissão de dados, voz, sons e imagens através de vários canais. Apesar de vivermos na era dos computadores, podemos afirmar que esse tal equipamento ainda não está acessível a toda população de brasileiros. A tv continua sendo o meio de comunicação de massa que atinge a quase todos os lares e espaços mais longínquos do país.

Dados levantados através do projeto “Mídia e Infância” (OLIVEIRA, 2007) no ano de 2006 da Universidade Estadual de Londrina, realizado com 130 crianças de Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, demonstrou que a rotina diária das crianças se divide em ir a escola no período vespertino e assistir tv no período matutino e noturno. Elas passam em média 6 horas diárias diante da Tv. Diante de tais dados, o presente estudo buscou estudar e procurou investigar as seguintes questões: de que forma os professores vêem a Tv? Qual a leitura realizada por professores sobre os conteúdos veiculados na mídia? Em que medida os professores são formados para uma leitura dos meios de comunicação? Tais questões são emblemáticas, pois como processo comunicativo, a Tv é também um meio de produção simbólica de conteúdos, como aponta Faro (2006).

Segundo Fischer (2005, p. 45) “[...] a TV aberta continua a ser, ainda hoje, a grande fonte de lazer e informação para a maioria da população. Ela certamente oferece uma janela para o mundo [...]”. Contudo, na maioria das vezes, essa acessibilidade às informações acaba sendo negligenciada pelas instituições educativas. Assim, como afirma Reis Junior (2005 p. 60): “A TV é mágica e – e ao mesmo tempo - inegavelmente realista” de tal forma que não cabe ser ignorada em sala de aula.

Desenvolvimento

Sem a intenção de esgotar a problemática, analisamos especialmente como o professor se vê diante deste aparelho maravilhoso chamado televisão, sendo este também chamado de meio ensinante. Para Tufte (2002) há uma lacuna entre a escola estabelecida e a escola paralela da mídia.

Para Porto (2000) tanto escola quanto mídia são instâncias formadoras, ambas apresentam valores, conceitos e atitudes que são absorvidos sob diferentes matizes. As mídias são de livre escolha, regem-se pela lógica do mercado, contribuem para produção e reprodução da ideologia dominante, sendo atraentes e socialmente legitimadas: a escola é impositiva e, de certa forma sem atrativos, socialmente legitimadora do saber, do conhecimento, reproduzindo a ideologia dominante.

Portanto, é indiscutível a marcante presença dos aparatos midiáticos na vida dos educandos, de modo que a relação dessa nova era passa a ser quase sempre virtual. Sendo estes meios de comunicação “ensinantes”, assim como a família e a escola, não é

desproposital que o assunto circule pelas salas de aula. De acordo com Moreira (2003), a mídia (des) educa as massas e a infância.

Desta forma, não cabe mais, nos dias de hoje, o aniquilamento dos aparatos midiáticos, nem mesmo críticas severas que apontem somente os aspectos negativos da mídia, mas encontrar caminhos para processos educativos que levem em conta os novos aparatos midiáticos.

As pesquisas em relação à mídia são, de certa forma, recentes no Brasil. No entanto, nos países europeus e na América do Norte, datam de 1940. Tais pesquisas foram ao longo dos anos mudando de foco. Na América do Norte, no início dos anos 40, focalizava-se “o estudo dos efeitos”, ou seja, o indivíduo era visto como uma folha em branco, ou ser passivo, na qual as influências do meio e da mídia podiam imprimir traços e características. Gradualmente, os estudos foram se alterando, ganhando novos contornos. Focalizou-se então não “o que a mídia faz com as pessoas”, mas “o que as pessoas fazem com a mídia”. (KATZ apud TUFÉ, 2002).

Oriunda dessas preocupações nasce a “educação para a mídia”, “educação para os meios”, também chamada de “educomunicação”. Esta é uma área de pesquisa que se situa na inter-relação entre os campos da educação e da comunicação. Apesar das diversas terminologias apresentarem alguns aspectos muito específicos¹, não temos a intenção aqui de nos aprofundar nesses conceitos, mas agrupá-los a fim de compreender que todos são frutos da confluência de dois campos distintos: educação e comunicação.

No Brasil, também sobre a influência desses estudos, pesquisas com o foco no receptor, têm sido apresentadas em vários congressos nacionais e internacionais. É importante salientar que corroboramos as idéias de Fischer (2000) ao apontar que necessitamos aperfeiçoar a escuta da mídia, perceber de que forma vamos nos transformando, nos identificando, fazendo da mídia, objeto de estudo e reflexão, problematizando, compreendendo os produtos midiáticos.

¹ A esse respeito ver Beloni (2002), em que faz uma análise das terminologias, buscando as diferenças entre as mesmas. Ver também Tufte (2002) que traça um panorama da história da educação para a mídia em vários países, apontando a contribuição da UNESCO para o crescimento dos estudos na área.

Analisar, portanto, o discurso da mídia, no âmbito das pesquisas educacionais, será mergulhar num tipo específico de linguagem, a audiovisual, tendo selecionado um conjunto expressivo de materiais, exatamente porque podem dar conta dessas paisagens imaginárias de nosso tempo, e têm uma presença efetiva no cotidiano dos sujeitos sociais, dos alunos, meninos e meninas, crianças, adolescentes, dos professores e professoras, com os quais interagimos no cotidiano escolar. Imagino, portanto, que a leitura dos materiais audiovisuais e o estudo das estratégias de produção, criação e veiculação dos produtos da mídia não percam de vista a dimensão das profundas repercussões dessas práticas na vida das pessoas. Ou seja, emerge, hoje, mais do que nunca, a necessidade de complexificarmos nossas investigações a respeito do receptor que, na falta de um nome melhor, ainda assim é chamado (FISCHER, 2002 p.20).

Assim, o presente estudo buscou investigar de que forma professores percebem seu trabalho de educadores diante da Tv. Indo ao encontro dos estudos de Beloni, Fischer e outros, nos importa, neste contexto, que a escola, enquanto instituição social educativa, se preocupe com os vários meios ensinantes.

A pesquisa foi realizada com 14 professores regentes das Séries Iniciais do Ensino Fundamental e 18 de Educação Infantil. Ao todo 32 professores, sendo todos de instituições públicas. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário, composto de três partes: a primeira buscou realizar um perfil do professor (idade, tempo de serviço, formação), a segunda parte com sete questões abertas, e terceira parte com quatro questões de múltipla escolha.

Constatou-se que, dos 14 (quatorze) professores de Séries Iniciais, treze possuem graduação completa, correspondendo a aproximadamente 93%. Os dados demonstram um bom nível de capacitação dos mesmos. Quanto aos professores da Educação Infantil, analisamos que dos 18 (dezoito), apenas cinco têm graduação, correspondendo a aproximadamente 28%, sendo que uma graduação não se refere à área da educação. Os dados confirmam as estatísticas do país, que apontam a Educação Infantil como a etapa em que os professores ainda não apresentam a formação mínima exigida para a atuação na profissão.

Quanto à questão sobre o tempo de atuação e idade, observou-se, a partir das respostas, que o tempo de atuação e idade não demonstraram influenciar o trabalho do professor em se tratando da mediação quanto ao conteúdo midiático.

Em relação ao objeto de estudo propriamente dito, uma das questões se referia aos conteúdos midiáticos que as crianças trazem para a sala de aula, com o intuito de verificar a presença da mídia no cotidiano dos alunos e no ambiente escolar, questionamos os

professores se as crianças comentam sobre os programas televisivos assistidos em seus lares. Obtivemos de 75% dos professores, que normalmente ocorrem comentários em relação aos conteúdos assistidos pelas crianças, em sua grande maioria, trazem elementos ou fragmentos dos programas por elas assistidos.

Questionou-se, assim, a especificidade das informações trazidas pelos alunos para a sala de aula. A respeito disto, os professores citaram noticiários, desenhos, filmes, programas policiais, educativos, de humor e novelas, apresentando grande destaque no momento, a *novela Rebeldes*, transmitida pela emissora SBT.

Uma das questões tratava da utilização dos programas ou dos conteúdos trazidos pelas crianças na sala de aula, obtendo-se assim 50% de respostas positivas. Inclusive o professor de Séries Iniciais, que alegou que os alunos não trazem tais informações para o ambiente escolar, afirma trabalhá-las mesmo assim, “através dos comentários, relatos e conscientização”. Da mesma forma ocorre com professores que afirmaram que os alunos trazem informações, porém não as trabalham, o que é um dado preocupante, pois a mídia televisiva tem conquistado um grande espaço como meio ensinante.

Quando perguntados sobre a forma como utilizam as informações midiáticas, que tem como objetivo analisar como os professores às relacionam e as trabalham dentro de sala de aula, alguns justificaram-se com os seguintes argumentos:

“Não trabalho, pois no canal convencional quase não há programações legais para se trabalhar” (*Docente de Séries Iniciais- professora n.28*)

A análise desta fala nos permite evidenciar que muitas vezes, o que é considerado imoral, violento, dentre outros, é visto como não educativo, de tal modo que geralmente não é dito em ambientes como a escola. A opção do professor em não fazer tal mediação transforma a escola num mundo à parte, como se os veículos de comunicação de massa não fossem também meios ensinantes.

Outros professores relataram falas coerentes como a seguinte:

“Fazendo uma relação da informação de telejornais com a matéria de sala de aula. Ex.: o eclipse solar, a viagem do astronauta Marcos Pontes ao espaço com a aula de ciências” (*Docente de Séries Iniciais- professora n.20*).

Nestas falas, é possível perceber que a ênfase se dá aos conteúdos escolares, como Ciências ou Geografia, ou seja, a Tv como mera ilustração dos conteúdos científicos, não como uma janela para a discussão e análise crítica dos conteúdos, informações. O que nos

parece claro, é a dificuldade do professor em lidar com questões mais profundas que são veiculadas na Tv, como sexo, drogas, consumo, relações familiares. Ou seja, as informações da Tv só são utilizadas quando esta possui uma vinculação direta com os conteúdos escolares. Daí surge uma questão conflituosa: O que são conteúdos escolares? Qual o papel da escola e do professor frente à avalanche de informações que interferem no modo de ser criança?

Vejamos a fala de uma outra professora:

“Alguns programas sobre o meio ambiente (Globo Repórter e outros), animais, plantas, enchentes, enfim, tudo o que consigo trazer para conscientizar o conhecimento sobre o Planeta Terra” (*Docente de Séries Iniciais- professora n.32*).

Nota-se ainda que, além, da relação conteúdo escolar *versus* conteúdo midiático, existe uma vinculação direta com os conteúdos de Ciências e Geografia, fato este confirmado pela fala de outras professoras.

Todo discurso da escola em prol da formação de um aluno crítico “cai por terra” quando se nega a possibilidade de discussão sobre o que o aluno ouve e vê no seu cotidiano. As respostas demonstram que o professor cita o fato, mas não propõe nenhuma discussão, propiciando o aluno a percepção da complexidade dos fatos explorados no telejornal e dos programas exibidos.

Em relação à influência midiática exercida sobre as crianças, aproximadamente 97% acreditam que a televisão influencia tanto positiva quanto negativamente. Apenas um professor acredita que a influência acontece somente de forma negativa. Mesmo assim, tal docente afirma que seus alunos trazem informações de “número de pessoas desempregadas, número de mortos em uma catástrofe, números de visitantes na Exposição Agropecuária, etc.” e que trabalha essas estatísticas com os alunos, “assistindo os índices”.

Como justificativa desses dados, destacaram-se as seguintes falas dos professores:

“Através do comportamento das crianças, observo que a TV reflete de todas as formas principalmente negativas. Os meninos imitam a luta, os heróis, a forma de desenhar. As meninas imitam o modo de falar, a moda e principalmente quando se trata de namoradinho.” (*Docente de Séries Iniciais- professora n.25*).

Essa e outras falas demonstram que os professores têm consciência do papel influenciador da mídia no mundo da criança, ou como diria Moreira (2003) no processo de construção das identidades. No entanto, esta influência acaba sendo sempre negativa e, portanto, negada pela escola.

Um das professoras, faz observações bastante interessantes:

[...] A busca por informações e conhecimentos é feroz e a criança encontra essa realidade nos desenhos infantis e se identificam. Elas encontram cenas de diferenças entre irmãos em desenhos como o Laboratório de *Dexter*, meninas com agendas apertadas como as *Super Poderosas*, *Sorriso Metálico* apresenta uma filha criada por pais separados e os *Thornberrys* traz questões ambientais. Mas as crianças assistem a maior parte do tempo programas destinados aos adultos, visto que as emissoras de tv dedicam um espaço cada vez menor à educação infantil por isso precisamos ajudar as crianças a entender o que vêem, interpretar a imagem[...]. (*Docente da Educação Infantil – professora n.9*).

Ainda a respeito das informações sobre a mídia televisiva, outra professora aponta:

“[...] a maioria de suas programações são envolvendo sexo, dinheiro e violência. Como educaremos uma futura nação se a mídia valoriza a beleza e não a educação?”. (*Docente da Educação Infantil – professora n.10*).

Mais uma vez, nota-se a consciência desta profissional a respeito do poder de persuasão por parte dos recursos midiáticos na formação das crianças, e mais do que isto, a dificuldade de lidar com a situação. Como analisado acima, o papel do professor entra em ação exatamente nesta constatação de que a mídia não dá ênfase aos conteúdos e valores, considerados importantes para a escola.

Observa-se então, a partir desses relatos, que os professores apresentam conhecimento acerca da influência quanto ao comportamento e formação da personalidade da criança, contudo, muitos se contradizem por não explorarem esse conteúdo em sala de aula. Vejamos outras falas:

“De forma positiva na construção do indivíduo crítico, de forma negativa no sentido de fazer da criança ‘um adulto em miniatura’, dos modismos [...]” (*Docente de Educação Infantil- professora n.2*)

Ao analisar algumas falas, percebe-se que os professores destacam como aspectos positivos: exemplos de respeito e educação, programas e desenhos educativos sem violência, consciência, informações e instruções. Determinados programas ensinam a partilhar e despertam bons sentimentos, ética e bons costumes, notícias para adultos, formação de indivíduo crítico, diversão e novos conhecimentos. E como aspectos negativos: lutas, vocabulário, modismos, sexualidade, inversão de valores, consumismo, individualismo,

egoísmo, violência, adultização. Além de não despertar a criticidade, instigar a valorização do dinheiro e do poder, confundir e atormentar as crianças, faltar censura e expor às drogas, tendo ainda uma programação pouco informativa.

Evidencia-se também a responsabilidade que o docente delega aos pais, a responsabilidade de controlar e discutir sobre os conteúdos midiáticos e as conseqüências dos mesmos na educação, deixando claro que é papel da família cuidar, controlar e educar para a mídia, corroborada, entre outras, pelas seguintes falas:

“As novelas fazem aflorar uma sexualidade prematura na criança, além de passarem uma moral social não muito saudável (exemplo: traições nos relacionamentos, desobediência aos pais, etc.) Alguns desenhos geram violência. [...] Cabe aos pais monitorarem os programas que os filhos assistem”. (*Docente de Séries Iniciais- professora n.32*)

Segundo Reis (2005, p.63), “No tempo presente a televisão, a internet e os jogos eletrônicos ocupam o espaço complementar à escola e à família na educação.” Dessa forma, cabe então, às instituições escolares e aos educadores atentarem-se aos conteúdos midiáticos a que seus alunos têm acesso e que direta, ou indiretamente, influenciam na sua formação.

Ao investigar a percepção do professor quanto à influência da mídia na sala de aula e na vida de seus alunos e de que forma atuam dentro desta realidade, constatou-se que 75% dos professores disseram que os alunos trazem informações do conteúdo midiático para a sala de aula e apenas 50% disseram trabalhar conteúdos referentes à mídia.

Nota-se que os professores relacionam conteúdos científicos como os principais a serem trabalhados em sala de aula, e que de modo geral, delegam para os pais a função de trabalhar o conteúdo midiático (valores, princípios, etc). Os dados obtidos demonstram uma situação delicada, pois em muitos casos, essa mediação, também, não acontece em casa.

Fisher (2006) aponta que sublinhar que todas essas mídias, do rádio à Internet e à televisão têm um caráter de onipresença, tornam-se cada vez mais essenciais em nossas experiências contemporâneas, e assumem características de produção, veiculação, consumo e usos específicos, em cada lugar do mundo.

Considerações Finais

Partindo do pressuposto de que a comunicação é um elemento básico de nossa sociedade, a mídia é mais precisamente o veículo que a torna mais expansiva pelo mundo e a televisão propõe ajuda à sociedade para compreender suas idéias, sua cultura. Humberto Eco (1976) aponta a mídia televisiva como um instrumento que pode determinar os gostos do público sem necessidade de adequar-se propriamente a eles.

A criança convive com a Tv desde seu nascimento e assiste a quase toda programação vinculada, seja ela para o público infantil ou não. Assim sendo, acaba por adquirir algumas características de adultos, perdendo de certo modo a famosa inocência infantil tornando-se “pequenos adultos”. No entanto, percebemos que não existem outras formas de lazer, em função das características da sociedade capitalista contemporânea. As crianças já não podem mais brincar nas ruas, passear na casa dos vizinhos, como antes. A sociedade atual impõe certas regras ao mundo da criança, assim a Tv passa a ser não só um veículo de comunicação, mas também uma babá, uma companhia para a criança. “Sem dúvida instituições como a família, a escola e a religião continuam sendo, em graus variados, as fontes primárias da educação e da formação moral das crianças. Mas a influência da mídia está presente também por meio delas”. (MOREIRA, 2003, p.1216).

Não é intuito deste estudo responsabilizar somente os professores. Contudo, é função tanto da família quanto da escola trabalhar para que a criança possa se desenvolver de maneira crítica frente à avalanche de informações contidas na mídia. Em alguns casos ocorre exatamente o oposto. Os pais acabam por utilizar a mídia como uma espécie de babá-eletrônica, que distrai as crianças enquanto os familiares adultos cumprem suas atividades profissionais e a rotina do lar.

Para Guimarães (2007) é importante que a escola se constitua como um espaço-tempo de comunicação, com base na exposição e na discussão dos diversos sentidos atribuídos aos textos contemporâneos, rompendo, a um só tempo: com o pressuposto do sentido único a ser “corretamente” interpretado na leitura dos textos. Se pretendermos que a educação se aproxime da área de comunicação, é preciso propiciar as condições para que, na escola, sejam formalizados conhecimentos acerca dos textos que circulam na sociedade: dos contextos e mecanismos da produção textual à pluralidade constitutiva da recepção.

Educar nesse novo contexto não significa proteger crianças e jovens, mantendo-os distantes da Tv, mas ensiná-los a selecionar e discutir o conteúdo, preocupando-se com a educação para a mídia, voltando-se para a formação de um telespectador mais crítico, que segundo Feilitzen (2002), não só possa separar o conteúdo que lhe faz bem ou não, como também, que tenha conhecimento acerca dos monopólios midiáticos e desenvolva autonomia para criar uma mídia independente.

Os dados levantados na pesquisa revelam também que a tv é vista como mera ilustração de conteúdos curriculares e que professores possuem uma visão de certa forma ingênua, simplesmente apontando para crianças “o bem e o mal”, utilizando muitas vezes um pano de fundo moral religioso, com extrema escassez de discussões mais profundas e esclarecedoras sobre o que se vê e ouve na Tv.

É possível perceber a quase inexistência de discussões sobre a programação televisiva. O que ocorre são apenas inserções rápidas com função meramente ilustrativa. Ou seja, o caráter ideológico da notícia, bem como uma leitura no verdadeiro sentido da palavra acaba por não ter lugar nas discussões escolares. Ressalta-se assim uma compreensão restrita desse meio de comunicação. Com base nesses dados apontamos as questões: em que medida estamos formando professores estão aptos a lidar com as múltiplas linguagens da sociedade em vivemos? Estamos formando professores capazes de lidar criticamente com a informação e contribuir para que seus alunos possam ser mais críticos e aprendam “a ler” os conteúdos midiáticos para além de um meio a ser apreciado como mero momento de lazer?

Analisando os dados, podemos apontar que um dos principais fatores que agravam as dificuldades de lidar com a situação é a má formação dos professores, visto que, mesmo aqueles, teoricamente, mais preparados, também encontram obstáculos. Faz-se necessário repensar a formação de professores quanto à mediação que deverão fazer perante essa nova realidade. Cabendo, assim, às Universidades e instituições responsáveis pela formação de professores preocuparem-se em preparar profissionais atentos a este contexto.

Diversas pesquisas apontam que a experiência da infância na atualidade tem como um de seus traços mais significativos a ambientação midiática, colocando a criança como “aprendiz no planeta mídia”. (SAMPAIO e LEITE, 1999). A comunicação dirigida ao público infantil na mídia se constitui um elemento no interior de uma rede mais extensa, que é a esfera ou o mundo do consumo. De tal modo, que a criança tem chance de conviver com seus

apresentadores e personagens preferidos da televisão não apenas no instante em que assistem à TV, mas nos mais diversos momentos de seu dia.

Portanto, se a Tv e a escola fazem parte do mundo de crianças e jovens, esse meio de comunicação, não deve ser visto como o pior inimigo da escola, mas como gênese para uma reflexão da prática educativa, que leve em conta as informações obtidas pelas crianças nas diversas mídias e instituições, sejam estas instituições educativas ou não. A escola, de certa maneira, ainda tem “fugido” da sua responsabilidade em discutir e ensinar sobre este tema. Não se pode deixar de admitir que a mídia televisiva é um meio de comunicação “ensinante”. E querendo ou não, apresenta a todas as crianças, diariamente, valores, linguagens e formas de agir e pensar. Cabe à escola, formar crianças e jovens de acordo com o tempo vivido e com todas as suas nuances e complexidade. Se a tv é parte integrante do meio, também devemos aprender a lidar com tais conteúdos, sejam eles adequados ou não. Para tanto, em meio ao mundo globalizado em que informações são transmitidas em tempo real e as tecnologias de software permitem manipulação de todo e qualquer tipo de imagem, faz-se necessário repensar o currículo de formação de professores, que levem em conta o contexto real em que estamos vivendo e que forme professores capazes de fazer uma leitura da mídia em conjunto com seus alunos a fim de não só ensinar conteúdos expostos nos livros didáticos, mas relacioná-los, analisá-los criticamente no cotidiano que o cerca. Concluindo com as idéias de Moran (2008), a missão do ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre.

REFERÊNCIAS

ACOSTA-ORJUELLA, Guillermo Maurício. **15 motivos para “ficar de olho” na televisão**. Campinas- SP: Alínea, 1999.

BELLONI, Maria Luíza. **O que é mídia-educação**. 2.ed. São Paulo:Autores Associados, 2005.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FARO, Vítor Reia-Baptista. Educação para os Media: uma aposta urgente e necessária face aos novos media. **Comunicar – Revista Científica de Comunicación Y Educación**. N.25, 2005. ISSN: 11343478.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e Juventude: Experiências do Público e do Privado na Cultura. In **Cadernos Cedes**. Campinas, vol.25, n. 65, p. 43-58, 2005.

FEILITZEN, Cecília Von ; CARLSSON, Ulla (orgs.) **A criança e a mídia**: imagem, educação, participação. São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2002.

GUIMARÃES, Gláucia; BARRETO, Raquel G. **Mecanismos discursivos**: articulação de linguagens na tv. 30ª Reunião da Anped: Caxambu, 2007.

MORAN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrando Brasil, 2008.

MOREIRA, Alberto da Silva; Cultura Midiática e Educação Infantil. In: **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 24, n.85, p.1203-1235, 2003.

OLIVEIRA, Diene , et al. **Infância e tv**: um estudo em relação às preferências das crianças. VIII Semana da Educação da Uel. Londrina, 2007.

RAO, Leeia. Advogados de uma sociedade de consumo. In: FEILITZEN, Cecília Von ; CARLSSON, Ulla (orgs.) **A criança e a mídia**: imagem, educação, participação. São Paulo: Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2002.

REIS Jr, João Alegria dos. Decifra-me ou Devoro-te. In **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 25, n.65. p.59-70, 2005.

SAMPAIO, Maria Narciso & LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização Tecnológica do professor**. Petrópolis : vozes, 1999.

TUFTE, Birgitte. Educação para a mídia na Europa. In: FEILITZEN, Cecília Von ; CARLSSON, Ulla (orgs.) **A criança e a mídia**: imagem, educação, participação. São Paulo: Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2002.